

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Fábio Zanon

Fábio Zanon: Então, minha trajetória musical. Eu cresci na cidade de Jundiaí, que fica entre São Paulo e Campinas. Na época, era uma cidade menor. Hoje é uma cidade de 400 mil habitantes. No meu caso, eu comecei desde cedo a estudar violão, porque meu pai tocava. O meu pai não era músico profissional, ele era metalúrgico.

Eu descobri a música mesmo assim, quando eu tinha sete para oito anos quando... Começou a aparecer na televisão um programa chamado Concertos para a Juventude, que passava na Rede Globo de domingo de manhã. E aquilo me impressionou demais. Daí eu tinha umas primas que estudavam piano e tinham um monte de discos de música clássica em casa e eu peguei esses discos e para mim foi assim... De repente descobri um outro país, descobri outro planeta. Era uma coisa que eu queria morar no planeta Mozart. Queria morar no planeta Beethoven. E daí, quer dizer, aí foi uma bola de neve, porque eu só me interessava mais e mais e mais por música.

Eu comecei a estudar composição, comecei a estudar regência. Quando eu tinha 17 anos, eu entrei na USP. Não foi uma experiência de todo agradável para falar a verdade. Mas pelo menos eu comecei a travar o contato com pessoas que estavam fora daquele círculo imediato de conhecidos. Sai um pouco da família, por assim dizer. E ali realmente que o violão pegou fogo. Porque daí eu me formei em violão. Eu queria ter feito curso de composição, mas meio que desisti e fui para o violão. E a coisa começou a acontecer muito rápido. Eu comecei a ganhar concursos no Brasil, depois eu participei de concursos internacionais, comecei a ganhar também. Eu dei uma parada que eu achava que eu tinha que estudar mais e eu fui morar na Inglaterra, fiz minha pós graduação. No final, eu acabei morando na Inglaterra por 14 anos.

Assim, eu não tenho uma relação tão profunda com o festival, justamente pelo fato de eu tocar violão. O festival sempre teve essa vocação de ser uma academia orquestral. O ponto alto, o ponto forte do festival é a prática de orquestra e a maior parte dos professores que são convidados também é de professores de instrumentos orquestrais. Mesmo piano e canto não são muito fortes no festival. Quando a gente tem que optar por uma questão prática, inclusive, a gente mantém o foco na prática orquestral, porque essa é uma área que tem duas coisas: ela cresce muito no Brasil, inclusive pelo fato de ainda ser uma área de pouco destaque em relação ao tamanho do país, em relação à prosperidade do país. E a outra razão é o fato de que orquestra é uma espécie de microcosmos da sociedade.

Então acho que, assim, esse espírito de colaboração entre as diferentes forças e instrumentos diferentes que ensaiam juntos para chegar a um resultado que é maior do que a soma das duas partes. Eu acho que é uma coisa que tem um impacto muito forte, especialmente em jovens assim. Você estudar instrumento em casa é uma coisa. Agora, você estudar para tocar na orquestra é uma experiência completamente diferente e que gera não somente, quer dizer músico profissional, mas

a pessoa que vai ser um grande partícipe da sociedade. Uma pessoa que espera-se, que entende o que é viver em sociedade e viver em colaboração e em cooperação.

Mas eu sou um solista, né, então, quer dizer, eu vim para o festival como aluno somente uma vez, num curso de música de câmara. Normalmente, no mês de julho, eu ia para outros festivais onde o festival, onde o violão era uma coisa mais presente, especialmente em Porto Alegre, tinha um Seminário Internacional do Violão, que também era no mês de julho. E lá eu fui duas vezes também quando eu era estudante. Mas eu vim para Campos do Jordão umas quatro ou cinco vezes com amigos para assistir o festival. Então, acabava encontrando meus amigos aqui no auditório eles estavam tocando Orquestra e coisa e tal.

Na época você não tinha auditório desses em São Paulo, você tinha o Theatro Municipal, e o Teatro Cultura Artística e as orquestras de São Paulo nessa época, tanto a Sinfônica do Estado, antes de virar a OSESP, quanto a sinfônica do Theatro Municipal, eram orquestras regionais. Não eram orquestras que tinham uma presença nacional tão forte.

O maestro Eleazar fazia ciclos de Sinfonia de Mahler e tinha 200 pessoas na plateia. Hoje em dia você tem 1.400 três vezes por semana. Não tem comparação com o público que existe hoje em São Paulo, então, quer dizer, hoje em dia o foco do festival não pode... Agora vamos trazer artistas internacionais caros, isso aí já tem em São Paulo. O público de São Paulo não tem. A gente tem que fazer um espetáculo bacana para quem vive em Campos, para os turistas que vêm para Campos e, principalmente, o foco pedagógico do festival tem que ser muito, muito claro. A gente tem que trazer as pessoas que não só vão dar grandes espetáculos aqui, tanto no auditório quanto nos outros espaços da cidade, mas vão ser bons professores, vão colaborar com os alunos, vão criar essa experiência educativa que não pode ser substituída.

Um bom teatro tem que ter duas coisas, uma acústica maravilhosa. Se você vem assistir um recital de piano, que seja, e você tem a sensação de que ficando em casa, ouvindo na caixinha do seu computador, você escuta um som melhor, você fica em casa. Então, tem que ser uma experiência envolvente, tem que ter um som que te abraça. E isso o Auditório Claudio Santoro tem porque é um teatro muito brilhante. Você escuta uma orquestra com um invólucro sonoro que é diferente de outros teatros. Nesse sentido, é um teatro, é muito interessante e um teatro muito bom. Diferente da Sala São Paulo, então acho que é bem interessante muitas vezes ouvir o mesmo concerto tanto em São Paulo quanto aqui, porque são acústicas muito boas, mas bastante diferentes.

Aqui é um som mais brilhante, inclusive porque o teatro é menor. Teve uma época que eu achava que esse teatro era um pouco pequeno, mas hoje eu acho que ele está do tamanho que o festival comporta. Eu acho que a gente teria que ter um trabalho de comunicação absolutamente agressivo para conseguir aumentar o público aqui no Auditório Claudio Santoro.

Eu acho, assim, a outra coisa que um teatro tem que ter é estrutura de bastidores. Você tem que ter bons camarins, tem que ter uma estrutura para receber uma orquestra e oferecer uma refeição quando necessário. Você tem que ter facilidade para transmissão de TV, tem que ter facilidade para gravação. Hoje em dia isso é essencial. Eu acho que tem uma outra coisa. Naquela época, claro, você tinha grandes músicos aqui no Brasil. Mas hoje em dia, se você pegar todos os principais músicos da OSESP, dos chefes de naipe, todos eles foram alunos do festival. Todos, exceto o spalla Emmanuele Baldini, porque não é brasileiro, porque ele não cresceu no Brasil, mas todos os outros todos, foram alunos do festival em algum momento. E olha que coisa curiosa. Hoje eles são os maiores profissionais do Brasil. Claro, não estou falando só da OSESP, mas das outras orquestras também.

Na época, eles ficavam o mês inteiro aqui em Campos do Jordão, ensaiando com o maestro Eleazar. Tinham, sei lá, 15, 20 ensaios e chegava no final apresentavam uma grande obra, sei lá, uma nona de Beethoven. Hoje, com os estudantes que são, que crescem, aprendem instrumento em projetos sociais e a igreja, em áreas carentes, a gente faz um programa diferente por semana e programas muito mais difíceis do que se fazia nos anos 70, 80. Então, quer dizer, a própria qualidade dos estudantes aumentou, claro, por mérito deles, sem sombra de dúvida, mas porque eles têm uma orientação muito melhor hoje. Eles resolvem os problemas com muito mais velocidade, então, a gente pode arriscar muito mais.

Então, acho que, assim, eu sempre busquei uma experiência completa. Eu, como músico, ficar somente tocando o meu violão, me aborrecia profundamente. Eu me sinto melhor violonista, quanto mais eu consigo expandir o meu horizonte musical, não só na atuação no palco, não só no ensino, mas ler, ter outras colaborações, conhecer gente nova, conhecer estilos novos, sabe? Tocar com músicos de estilos diferentes e juntar música com outras disciplinas. Música com balé, música com literatura. Isso sempre me interessou, então acho que eu consigo com essa perspectiva mais ampla, ajudar ampliar um pouco a perspectiva dos estudantes do festival. Então, fico muito feliz de ver, naturalmente, todos os bolsistas do festival tocando num nível tão alto que mostra que você tem pelo menos uma fração do público mais jovem que está interessado em outras coisas.

Então, isso é uma coisa. E o fato de ter o Festival de Verão é isso, a gente está alimentando uma música que tem uma história, que tem uma pedagogia, que tem um repertório, que tem um campo de trabalho, que é uma coisa sólida, que é uma coisa que é feita com sangue, suor e lágrimas também. Não é aquela coisa de boom, você estala os dedos esse aqui é o próximo popstar que vai ser o número um no Spotify. Sem mérito algum. Sem mérito algum! Cada menino dessa orquestra tem muito mais mérito que qualquer pessoa que ataque as leis de incentivo à cultura. Qualquer pessoa que suba artificialmente na popularidade, no streaming ou nas redes sociais.

Não tem nada artificial no que eles fazem. É sangue, suor e lágrimas. Então, acho que ele tem que estimular. E tem uma outra questão. Campos do Jordão é um festival maravilhoso, a gente sabe

disso. Sempre foi antes de nós e eu acho que a gente proporciona para os bolsistas uma grande experiência. Mas a gente ainda não tem um centro de estudos. A gente ainda não tem uma sede aqui em Campos do Jordão. Isso é uma coisa complicada, uma coisa cara, e você não pode fazer um centro de estudos com teatro, sala de ensaio, alojamento, hotel dos professores, refeitório. Se você não usa 12 meses por ano, se é pra usar um mês só, é um dinheiro jogado... muito mal empregado. Não vou dizer jogado no lixo, mas é muito empregado. Então acho que o Festival de Verão pode ser um tiro de largada para uma proposta de transformar Campos do Jordão, um estilo musical o ano inteiro, que eu acho que é o que todo mundo gostaria.

Eu acho que praticamente todos os concertos finais da orquestra do festival, a orquestra composta pelas bolsas do festival, tem sido uma coisa muito emocionante. Eu acho que alguns maestros com quem a gente trabalhou foram especialmente maravilhosos. Giancarlo Guerrero em 2014/2015 foi uma coisa absolutamente deslumbrante. O Arvo Volmer quando veio deslumbrante. Assim, esses concertos, quando eu vejo essa moçada tocando nesse nível, é uma coisa que bate fundo. Sabe por quê? Porque essa gente, muitas vezes com 21 e 22 anos já realizou muito mais do que a maior parte das pessoas em uma vida inteira. Você tocar um violino neste nível exige muita dedicação, exige muito foco e é um foco que você faz, que você tem por amor, porque você ainda não sabe se você vai se tornar profissional. Você não sabe se você vai tocar num nível suficiente pra continuar com aquilo. Então, as pessoas estão perseguindo uma ilusão e quando você vê aquilo concretizado tocando uma grande obra, como a gente vai ter, a Sinfonia de César Franck. Como a gente vai ter "Os Pinheiros de Roma" de Respighi, uma obra assim que realmente arrebatou o público. Aí é quando a coisa me derruba.

Agora, cada um desses bolsistas, é uma história por trás. A gente já teve bolsista, não precisa nem falar o nome. O menino que tocava violino, irmão assassinado na favela, estuprado pelo padrasto, assim imagina todas as maiores barbaridades que podem acontecer com uma pessoa. Aconteceram com ele. Ele foi prêmio Eleazar de Carvalho, quer dizer, ganhou o Prêmio Festival. Ganhou uma bolsa para estudar em Salzburg e agora está trabalhando como profissional em uma orquestra austríaca. Ele só volta para o Brasil para compartilhar o que ele aprendeu tanto no festival quanto na Europa. O que você pode dizer de uma pessoa dessas? Parabéns cara, você é um exemplo para todo mundo. Isso é uma outra coisa que me arrebatou.